

ENSINO E APRENDIZAGEM DA LIBRAS NA ESTIMULAÇÃO PRECOCE DO NAMI - CRIANÇAS, FAMILIARES/CUIDADORES E PROFISSIONAIS DA SAÚDE

Antonio Daley Marques do Nascimento¹

Ana Cristina de Sousa Costa²

Karine Martins Saldanha³

Ana Cristina de Sousa Costa⁴

Marilene Calderaro Munguba⁵

RESUMO

A Estimulação Precoce atualmente está circunscrita à área da saúde. As ações de extensão aqui descritas têm sido realizadas mediante o Programa de Extensão: “Ensinando e aprendendo Libras: vivências da cultura surda por surdos e ouvintes em cenário da saúde, nas perspectivas bilíngue e interdisciplinar”, parceria da UFC com a UNIFOR. O presente estudo tem o objetivo de descrever ações realizadas no setor da estimulação precoce voltadas para o ensino e aprendizagem da Libras por crianças, familiares/cuidadores e profissionais da saúde. Trata-se de investigação descritiva, pesquisa-ação, abordagem qualitativa, no período de março a setembro de 2019, no Núcleo de Assistência Médica Integrada – NAMI. O grupo de cinco extensionistas é composto por estudantes do curso Letras Libras da UFC. As ações semanais são desenvolvidas no Serviço de Estimulação Precoce, que conta com profissionais do serviço: terapeuta ocupacional, fisioterapeuta e fonoaudióloga, onde são atendidas crianças com os mais variados diagnósticos, na faixa etária de zero a três anos e suas mães/cuidadores. Adotou-se observação-participante e registros nos diários de campo dos estudantes. Procedeu-se a análise descritiva das informações. Identificou-se que o uso de estímulos visuais tem sido intensificado, mesmo as crianças sendo ouvintes, pois a proposta da língua de sinais se contorna no que é visual, e assim, pretende-se trazer para essas crianças essa forma de vivenciar o mundo, desenvolvendo a comunicação receptiva e expressiva de forma adequada, mediante a Libras, para, posteriormente, de acordo com as especificidades de cada criança, desenvolver a língua oral auditiva.

Palavras-chave: Ensino e Aprendizagem, Língua de Sinais, Estimulação Precoce.

INTRODUÇÃO

Nunes e Chahini, (2017) conceituam a estimulação precoce como a organização e disponibilização de ações psicomotoras com o foco de promover o desenvolvimento sadio de

¹ Graduando do curso de Letras Libras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) - CE, daley.porang@gmail.com;

² Fonoaudióloga, Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará (UFC) - CE, julianadonato7@yahoo.com.br;

³ Fisioterapeuta, Graduando do curso de Letras Libras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) - CE, karinartins@gmail.com;

⁴ Educadora Física, Graduanda do Curso de Letras Libras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) - CE, cristina.estudante@hotmail.com;

⁵ Professor orientador: Doutora em Ciências da Saúde, Departamento de Letras Libras e Estudos Surdos – DELLES/UFC, marilenemunguba@delles.ufc.br

habilidades da criança, mediante estímulos fundamentais. De Lima Raimundo (2019, p.46), concordam que “a estimulação precoce tem como finalidade estimular o desenvolvimento ou minimizar os efeitos que fatores biopsicossociais adversos podem causar no desenvolvimento infantil”. A rigor, esse tipo de intervenção se volta para os três primeiros anos de vida.

Assim, esse período de vida marca o estabelecimento do maior nível de plasticidade cerebral, o que se constitui condição essencial para a estimulação do desenvolvimento.

O estímulo precoce tem como objetivo desenvolver e potencializar através de exercício, jogos, atividades, técnicas e outros recursos a atividades do cérebro das crianças, beneficiando seu lado intelectual, físico e afetivo, uma criança bem estimulada aproveitará sua capacidade de aprendizagem e de adaptação ao seu meio, de uma forma mais simples, intensa e rápida (PERIN, 2010).

Ressalta-se que a estimulação precoce dessa clientela precisa ser estruturada, de acordo com Anauate e Amiralian (2007, p.1), “[...] respeitando as suas iniciativas espontâneas e originais, seu modo de se expressar, e sendo contingente em retorno, proporcionará a essa criança um sentido de aceitação e de compreensão de suas expressões, inserindo-a adequadamente no meio circundante”. Grande parte dessa clientela tem indicação para esse acompanhamento devido haver vivenciado

[...] fatores de risco: peso ao nascer, Idade Gestacional e índice de Apgar influenciam negativamente no desenvolvimento da linguagem das crianças, e essa influência pode ser notada desde as habilidades pré-verbais, perdurar até a adolescência e gerar problemas na idade escolar e de aprendizagem como um todo (ZORZETTO CARNIEL et al, 2017, p.116).

O desenvolvimento e aquisição da linguagem e conseqüentemente, a comunicação, em geral são afetadas. Daí a relevância de apresentar a língua de sinais como uma alternativa de comunicação, por se tratar de uma língua espaço-visual. Nessa perspectiva é que nosso grupo tem se debruçado no estudo da temática, acreditando ser essencial a sua compreensão para a garantia da qualidade comunicacional da clientela e de suas famílias.

A família é quem melhor conhece a criança e, portanto, é detentora de informação preciosa para os técnicos, que a devem ouvir e respeitar. A família conhece melhor os hábitos, os interesses e as necessidades da criança e os técnicos podem ajudá-la a concretizar os objetivos da intervenção mediante uma parceria (FUERTES, 2016, p.13).

No ambiente de intervenção precoce se tem um trabalho conjunto interdisciplinar com os profissionais da fonoaudiologia, da terapia ocupacional e da fisioterapia. O presente projeto agrega no sentido de usar a línguas brasileira de sinais e seu caráter visual como fonte de estímulos para as crianças atendidas.

É importante expor que no espaço de estimulação precoce, o, e a partir da utilização da língua de sinais se percebeu um aprendizado satisfatório, assim alunos do Letras Libras levamos a língua de sinais para a sala de estimulação precoce, disponibilizando uma língua visual que ajude na comunicação de crianças que tenham dificuldade na comunicação e interação na família e socialmente.

O bilinguismo vem como parceiro nessa abordagem, afinal assegura o acesso igualitário das línguas presentes, e que assim se faz potencializar no desenvolvimento. Porém no caso da criança, a imagem vem muito mais assertiva do que o uso de palavras, por isso o uso mímica e classificadores se intensificam muito.

Temos como objetivo descrever ações realizadas no setor da estimulação precoce voltadas para o ensino e aprendizagem da Libras por crianças, familiares/cuidadores e profissionais da saúde.

METODOLOGIA

Com um corpo interdisciplinar de profissionais em formação e formados, o Grupo de Estudos e de Pesquisa intitulado Educação para as diferenças e os estudos surdos na perspectiva interdisciplinar – EDESPI, criado em 2018 pelo Departamento de Letras Libras e Estudos Surdos - DELLES, da Universidade Federal do Ceará – UFC, implantou, estabelecendo parceria com a Universidade de Fortaleza - UNIFOR, o Programa de Extensão: “Ensinando e aprendendo Libras: vivências da cultura surda por surdos e ouvintes em cenário da saúde, nas perspectivas bilíngue e interdisciplinar”, cadastrado na Coordenadoria de Extensão da UFC sob o N. HLOO.PG.359.

Portanto, o presente estudo, vinculado ao programa de extensão, tem características de investigação descritiva (SEVRINO, 2016), pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011) com abordagem qualitativa (MINAYO, 2015), realizado no período de março a setembro de 2019, no Núcleo de Assistência Médica Integrada – NAMI, da UNIFOR.

O grupo de cinco extensionistas que atuam no recorte aqui apresentado, é composto por estudantes do curso Letras Libras da UFC e do curso de Psicologia da UNIFOR. As ações semanais são desenvolvidas no Serviço de Estimulação Precoce, que conta com profissionais do serviço: terapeuta ocupacional, fisioterapeuta e fonoaudióloga.

Este estudo tem o foco na atuação na sala de estimulação precoce onde são atendidas crianças com os mais variados diagnósticos, na faixa etária de zero a três anos, e suas mães/cuidadores.

A coleta de informações tem se dado mediante observação-participante (MINAYO, 2015), e registros nos diários de campo (THIOLLENT, 2011) dos estudantes. Procedeu-se a análise descritiva das informações (MINAYO, 2015).

Observou-se os preceitos éticos preconizados pela Resolução 466 de 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com um corpo interdisciplinar de profissionais em formação e formados o grupo de extensão EDESPI criado em 2018 visa divulgar a cultura surda e o ensino de Libras nos espaços da saúde e também voltando as atividades de intervenção no espaço de estimulação precoce de crianças a motivação partiu do projeto existente de 2008 a 2016, cuja motivação para realizar o estudo baseou-se, também, na convivência cotidiana com profissionais da área da saúde, na academia. Agora estamos introduzindo o ensino de Libras na área da saúde especificamente na sala de estimulação precoce, voltado para a criança que tem dificuldade de comunicação.

Segundo Bakhtin (2003, p. 261), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem”, no projeto do grupo de estudos sobre educação para as diferenças e os estudos surdos na perspectiva interdisciplinar - EDESPI dentro do núcleo de atenção médica integrada - NAMI realizando atividades já desenvolvida, e aqui integrando a Libras no espaço de estimulação precoce, sendo mediado por alunos do curso Letras Libras, onde na organização temos uma das alunas formada em fisioterapia sempre mediando as atividades, uma outra pessoa observa e outro que registra as atividades realizadas. Então, na sala de estimulação precoce tem atendimento as crianças que nasceram precoce com isso tem algumas limitações desde a fala, a interação com a família, com déficit de atenção, crianças com autismo e outras especificidades.

Como principal atributo das línguas de sinais, ressaltamos a visualidade, que enfatiza a comunicação visual, que, nesse contexto, favorecem o desenvolvimento de habilidades voltadas para a comunicação receptiva e a comunicação expressiva. Enfatizamos a iconicidade das línguas de sinais, que Quadros (2019, p.113) define como “[...] as formas dos sinais possam ‘lembrar’ algo, incluindo informações de ordem mais conceituais e culturais”.

Nas atividades que realizamos no Nami usamos metodologias e estratégia de utilizar imagens, objetos, expressões não manuais e classificadores que ajudam a compreensão de uma comunicação.

As expressões ou articulações não manuais, segundo Quadros (2019, p.61), “[...] envolvem os músculos da face, embora não possamos visualizá-los.” O que caracteriza expressões faciais que compõem o sinal. No tocante à abordagem da criança, em especial as mais novas, essas expressões são determinantes na comunicação.

Por classificadores, Pereira e Nakasato (2011), entendem como um campo de representações que revela especificidades de objetos (localização, forma, tamanho, como é manipulado), movimentação do personagem da narrativa. Consoante, Bernardino (2012, p. 3), ressalta que “os classificadores fazem parte do núcleo lexical das línguas de sinais”.

Na sala de estimulação precoce essa estratégia é válida, pois estamos estimulando crianças a se comunicar por meio de mímicas, expressões não manuais e classificadores, de forma natural. Quadros (2011, p.15), afirma que a aquisição da linguagem a criança ocorre na interação com as pessoas a sua volta, ouvindo ou vendo a língua de sinais, e essa criança adquire essa língua quando tem a oportunidades naturais de aquisição. Portanto, a sala de estimulação precoce a criança pode ter contato com a língua de sinais semanalmente, assim como seus pais/cuidadores, que são incentivados a usarem essa estratégia no cotidiano em suas famílias.

A interdisciplinaridade é fundamental nesse espaço que atende diversas especificidades, e essa interdisciplinaridade de profissionais apoia e facilita o atendimento à criança e também a orientação que a mãe recebe dos profissionais no momento do atendimento. É preciso entender que as intervenções aqui propostas como algo além do que se pensa sobre reabilitação, os direitos da criança são garantidos por lei e o exercício dos mesmos se dá pela participação social plena e consciente.

Perlin e Strobel (2009) relatam que se acreditavam que ao observar o “homem natural”, exemplos vivos de seres intocados pela cultura e pela civilização, poderiam apreender a essência do humano. As ‘observações científicas’ estavam baseadas no pressuposto de que a pessoa não possui uma linguagem, a menos que aprenda a escrever ou a falar a linguagem oral. Então não reconhecia o surdo como pessoa, muito menos como um ser que tem sentimentos, emoções, um ser capaz de atuar em várias áreas do conhecimento. Quadros e Rodrigues (2015), na perspectiva da linguística, a língua tem um caráter social, político e cultural. Partindo desse princípio a língua não se restringe apenas a um espaço, pois segundo a lei Federal número 10.436, de 24 de abril de 2002 sendo uma conquista da comunidade surda sendo reconhecida a língua brasileira de sinais. E no Decreto Federal número 5626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005) vem confirmando a

obrigatoriedade da língua nos cursos superiores e nos estabelecimentos públicos e privados, assim o surdo pode e deve estar inserido nesses ambientes.

A apresentação da Libras desde os primeiros anos de vida é essencial, isso porque eles se mostram bem atento aos estímulos visuais. Diferentes de alguns ouvintes que não se atentam muito ao que é visual. Então garantir essa apresentação na língua de sinais estimula mais ainda o interesse desses sujeitos. Usando temas específicos indo gradualmente incrementando pode ser uma boa forma de começar. A associação visual com o contexto da criança o aproxima mais ainda do entendimento dos sinais.

Quando se fala em uso da língua de sinais, é importante estar disposta a incluir a família nesse processo, sendo o espaço com maior vivência com esse sujeito, a família deve ser trazida junto com o surdo para o centro desses objetivos metodológicos. É imprescindível a família aceitar e construir o uso da língua de sinais em casa, para assim ter um melhor aproveitamento do processo de aquisição da linguagem. Apresentamos o depoimento de um dos estudantes, surdo-cego:

A chegada no espaço de estimulação precoce pode, de início, ser de difícil compreensão sobre como podemos agir principalmente pelos diversos perfis que são atendidos. Contudo é instigante pensar novas estratégias que possam, aliadas aos estímulos usadas, somar no processo de desenvolvimento das crianças. É importante nesse caso a troca de experiência pessoas que já trabalham com esses grupos a mais tempo e que possam esclarecer anseios e mitos que podemos de algum modo ter construído. A presença de uma profissional de fisioterapia surda contribui em muitos aspectos, tanto pelo choque cultural na relação com os profissionais e com as mães, quanto pela precisão nas abordagens usado, pois a formação profissional norteia e pode trazer mais segurança e confiança as mães e profissionais presentes.

Para esse aluno que nasceu surdo e está em processo de perda da visão, tem sido uma vivência especial, e uma nova perspectiva para a sua atuação profissional em formação.

Faz-se necessário, ainda, ressaltar o importante papel que o lúdico exerce nesse contexto, já que todas as atividades são realizadas com proposta lúdica, que para Kishimoto (2017), ao brincar, a criança ela consegue, sem perceber, entrar num mundo imaginário, exercendo a sua capacidade de fantasiar, assim como garante a sua condição de saúde, motivação e a preparação para futuras resoluções de problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de estímulos visuais tem sido intensificado, mesmo as crianças sendo ouvintes, pois a proposta da língua de sinais se contorna no que é visual, e assim, pretende-se trazer para essas crianças essa forma de vivenciar o mundo.

A língua de sinais se constitui, no contexto da estimulação precoce no NAMI, se faz necessária como processo emancipatório, afinal as crianças com necessidades específicas, ou em condição de deficiência, constroem em sua maioria uma relação de dependência com as mães, e o uso de uma língua que é usada em uma comunidade maior que o próprio núcleo familiar pode contribuir para essa construção autônoma, além de agregar no processo de aquisição de linguagem.

Entender com clareza a cultura do local e a proposta que buscamos com o projeto, traz uma segurança melhor para quem é alvo das ações, uma vez que isso mostrar respeito ao que já vem sendo feito, entendendo as limitações e potencialidades. Cabe assim um olhar atento às formas de relacionamentos dentro do espaço, as formas de tratamentos, os materiais usados, tudo isso para não se ferir nenhuma etapa principalmente no que diz respeito ao brincar, que é tão importante nessa fase.

Assim, identifica-se que as ações em andamento têm se conformado de acordo com a proposta de extensão, e deve ser dada continuidade embasada nas informações e análises aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

- ANAUATE, C.; AMIRALIAN, M. L. T. M. A importância da intervenção precoce com pais de bebês que nascem com alguma deficiência. *Educar*, Curitiba, n. 30, p. 197-210, 2007.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].
- BRASIL. *Lei n. 10.436*, de 24 de abril de 2002. Brasília: SEESP/MEC, 2002.
- BRASIL. *Decreto n. 5.626*. Regulamenta a Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, e artigo 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: SEESP/MEC, 2005.
- BRASIL. *Lei no 8.069*, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm#art266>. Acesso em: 27 set. 2019.
- DE LIMA RAIMUNDO, A. C. et al. A importância do trabalho multidisciplinar no contexto da estimulação precoce. *Gep News*, v. 3, n. 1, p. 46-52, 2019.

FUERTES, M. Intervenção Precoce na linha de horizonte das famílias. In: FUERTES, M.; NUNES, C.; ROSA, J. (Coords.). *Evidências em intervenção precoce*. Lisboa: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa, 2016. p. 9-19.

KARNOPP, L.; QUADROS, R. M. Educação infantil para surdos. In: ROMAN, E. D.; STEYER, V. E. (Org.). *A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado*. Canoas, RS: ULBRA, 2001. p. 214-230.

KISHIMOTO, T. M. (Org.). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

NUNES, A. S. D.; CHAHINI, T. H. C. Percepções de profissionais da educação infantil em relação à estimulação precoce em crianças com deficiência e de risco ambiental. *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS)*, v. 3, n. 1, jan./jun., 2017. Disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/7222/4441>. Acesso em: 22 set. 2019.

PEREIRA, M. C. C.; NAKASATO, R. Q. Aquisição do discurso narrativo em Língua Brasileira de Sinais. In: LAMPRECHT, R. *Aquisição da linguagem: estudos recentes no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.

PERIN, A. E. Estimulação Precoce: sinais de alerta e benefícios para o desenvolvimento. *Revista de Educação do Ideau*, Getúlio Vargas, v. 5, n. 12, p. 2-13, 2010.

QUADROS, R. M. *Libras*. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. *Educação de surdos a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artemed, 1997.

SKLIAR, Carlos (org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

ZORZETTO CARNIEL, C. et al. Influência de fatores de risco sobre o desenvolvimento da linguagem e contribuições da estimulação precoce: revisão integrativa da literatura. *Revista CEFAC*, v. 19, n. 1, p. 109-111, jan/fev, 2017.